

A Estrela Mais
Brilhante do Céu

Marian Keyes

MELANCIA

FÉRIAS!

SUSHI

Casório?!

É Agora... ou Nunca

LOS ANGELES

**Um Bestseller
pra chamar de meu**

Tem Alguém Lá?

Cheio de Charme

A Estrela Mais Brilhante do Céu



A
Estrela Mais Brilhante
do Céu

MARIAN
KEYES

Tradução
MARIA CLARA MATTOS

BB
BERTRAND BRASIL

Para Dylan Martin

Era uma vez
Eu sendo você
Mantendo em segredo
Meu ser verdadeiro

O que aconteceu, criança
De cabelos dourados
O que aconteceu quando
Eu não estava lá

Livre e desimpedida
Rindo sem proibição
Criança ensolarada
Você me procurou

Mas outro alguém conquistou seu coração
Naquele dia
Uma mentira sorridente
Interferiu em seu caminho

Você o seguiu
Para dentro da floresta
Ninguém viu
O lobo, de capuz, em festa

E agora você está aí
Olhando para mim
O vestido manchado
Os joelhos sujos de capim

Como faço para segurar sua mão e ficar
Como apago os efeitos
Daquela morte
Em maio

Neste dia
Nesta noite
Nesta hora
Há muito esperada

Esta tinta
Esta página
Esta oração
Para você...

Chapeuzinho Vermelho, de Christina Reihill
*De *Diving for a White Rose**

Existe uma rachadura, uma rachadura em tudo.
É por ela que entra a luz.

Leonard Cohen

Dia 61

Primeiro de junho, noite quente de verão, segunda-feira. Venho sobrevoando as ruas e casas de Dublin e, agora, finalmente, estou aqui. Entro pelo telhado. Por uma claraboia, escorrego até o centro de uma sala de estar e, imediatamente, sei que é uma mulher quem mora aqui. Os móveis são femininos — mantas em tons pastel sobre o sofá, esse tipo de coisa. Duas plantas. Ambas vivas. Uma TV de tamanho médio.

Parece que cheguei no meio de algum evento. Muitas pessoas de pé num círculo estranho, dando goles em taças de champanhe, fingindo achar engraçadas as coisas que os outros dizem. Uma variedade de idades e sexos, o que sugere uma comemoração familiar.

Muitos cartões de aniversário. Papel de presente amassado. Presentes. Falam sobre partir para o restaurante. Com fome de informação, leio os cartões. São endereçados a alguém chamada Katie e parece que ela está celebrando o quadragésimo aniversário. Eu não diria que isso é motivo para grandes comemorações, mas existe de tudo por aí, dizem.

Localizo Katie. Parece ter bem menos de quarenta, mas os quarenta são os novos trinta, de acordo com as informações que tenho. Ela é mais para alta, tem cabelos escuros, é peituda e está dando tudo de si para manter a pose em cima das botas até os joelhos de salto agulha altíssimo. Tem uma energia ótima; vibra ondas de calor, como uma professora de primeiro grau ligeiramente sensual. (Embora não seja esse, exatamente, o trabalho dela. Sei disso porque sei um bocadinho de coisas.)

O homem ao lado de Katie, todo orgulhoso — o orgulho tem muita relação com o relógio novo de platina no pulso de Katie — é o namorado, parceiro, amado, seja lá como você preferir dizer.

Um homem interessante, de energia vital irresistível, de vibrações tão poderosas que quase visíveis. Honestamente? Estou intrigada.

Conall, é assim que chamam esse homem. Os membros mais educados do grupo, pelo menos. Alguns outros nomes pairam no ar — Exibido, Canalha —, mas não são ditos. Fascinante. Os homens não gostam *nem um pouco* dele. Identifiquei o pai de Katie, o irmão e o cunhado, eles parecem confirmar a regra. No entanto, as mulheres — a mãe de Katie, a irmã e a melhor amiga — não parecem dar muita bola para isso.

Passo por Katie e ela leva uma das mãos à nuca, com um arrepio.

— O que foi? — Conall parece pronto para uma batalha.

— Nada. Um espírito acabou de passar por mim.

Que bobagem! Até parece!

— Ei! — Naomi, a irmã mais velha de Katie, aponta para um espelho no chão, apoiado numa cômoda. — Você ainda não pendurou o espelho novo?

— Ainda não — responde Katie, repentinamente um pouco tensa.

— Mas você já está com ele há séculos! Pensei que o Conall ia pendurar para você.

— Conall *vai* pendurar — afirma Katie, com decisão. — Amanhã de manhã, antes de ir para Helsinki. Não é, Conall?

Conflito! Fricção no ambiente rebatendo nas paredes. Conall, Katie e Naomi emanam ondas de tensão numa espécie de movimento triangular, que repercute em todos ali presentes. Aqui entre nós, estou *morrendo* de vontade de descobrir o que está acontecendo, mas, para minha preocupação, estou sendo tomada por outro tipo de força. Alguma coisa maior ou melhor do que eu se move mais embaixo. Atravessa o tapete 100% algodão, desvia de algumas vigas de sustentação, absolutamente *tomadas* por cupins — alguém deveria ser informado —, e vai em direção ao apartamento abaixo do de Katie. Uma cozinha absurdamente suja. Panelas e potes e pratos empilhados perigosamente na pia, de molho em água parada; o chão parece não ver a cor de um esfregão há séculos, e respingos de comida

velha decoram o tampo do fogão, como se uma gangue de pintores tivesse passado por ali recentemente. Dois homens, jovens e musculosos, estão encostados na mesa da cozinha, falando polonês. Os rostos estão próximos e a conversa é urgente, quase assustada. Ambos estão tomados de angústia, tanto que a vibração está confusa, não consigo diferenciar e distinguir uma da outra. Por sorte, descubro que sou fluente em polonês e aí vai uma tradução tosca do que eles estão dizendo:

— Jan, você fala para ela.

— Não, Andrei, fala você.

— Eu tentei, da última vez.

— Andrei, ela respeita você mais.

— Não é verdade, Jan. Por mais difícil que seja eu entender isso, que sou polonês, ela não respeita nenhum de nós dois. Mulheres irlandesas estão muito além da minha compreensão.

— Andrei, você fala e eu faço três repolhos recheados para você.

— Quatro, e não se fala mais nisso.

(Acho que inventei as duas últimas frases.)

Adentra a cozinha o objeto da discussão, e não consigo enxergar de que eles têm tanto medo, dois caras grandes como eles, tatuados e de cabeça raspada. Essa pequena criatura — irlandesa, diferentemente dos dois rapazes — é *adorável*. Uma mocinha linda, de olhos maliciosos, cílios compridos e cabelos cacheados até os ombros. Vinte e poucos anos, é o quanto aparenta, e exalando uma energia tão entusiasmante que suas vibrações podem ser sentidas no ar.

Na mão, carrega o jantar semipronto. Uma refeição de aspecto terrível. (Rosbife esverdeado, caso você esteja interessado.)

— Vai — sussurra Jan para Andrei.

— Lydia — Andrei gesticula em direção à cozinha francamente imunda. Em inglês, ele diz: — Você limpa, de vez em quando.

— De vez em quando — diz ela, pegando um garfo no escorredor de pratos. — Infelizmente, não nesta vida. Agora, vaza.

Com vivacidade, Andrei abre caminho para que Lydia chegue até o micro-ondas. Maliciosa, ela fura com garfo o papel celofane que

cobre a comida. Quatro vezes, cada espetada fazendo o barulho de uma pequena explosão, alto o suficiente para que Jan pisque o olho esquerdo, e então Lydia joga a embalagem dentro do micro. Aproveito a oportunidade para me colocar atrás dela e me apresentar, mas, para minha surpresa, ela faz um gesto e me espanta como se eu fosse uma mosca.

Euzinha!

Você não sabe quem eu sou?

Andrei faz uma nova tentativa. — Lydia, por favor.. O Jan e eu, a gente limpa o tempo todo.

— Parabéns. — Resposta rápida de Lydia, que encontra a faca com aparência menos imunda no lodaçal da pia e passa uma água no objeto por meio segundo.

— A gente fez uma escala. — Delicadamente, Andrei acena para ela com um pedaço de papel.

— Parabéns *de novo*. — Ah, como os dentes dela são brancos, que sorriso lindo!

— Você mora aqui há três semanas. Nunca limpou nada. Tem que limpar.

Uma emoção inesperada irradia de Lydia, negra e amarga. Aparentemente, ela limpa, *sim*. Mas não aqui? Onde, então?

— Andrei, meu repolhinho polonês, e você também, Jan, meu outro repolhinho polonês, vamos imaginar que a situação fosse exatamente inversa. — Ela balança a (ainda suja) faca para enfatizar o que diz. De fato, sei que existem duzentos e setenta e três tipos diferentes de bactérias florescendo naquela faca. Mas, também sei agora, que seria preciso ser a bactéria mais corajosa e mais heroica para se dar bem com essa Lydia.

— Situação exatamente inversa? — pergunta Andrei, ansioso.

— Digamos que fossem duas mulheres e um homem morando nesse apartamento. O homem nunca faria nada. As mulheres fariam tudo. Não fariam?

O micro-ondas apita. Com um sorriso sedutor, Lydia tira de dentro dele seu jantar nada apetitoso e sai da cozinha para ver alguma coisa na internet.

Que madame mimada! Que figurinha deliciosamente rebelde.

— Ela chamou a gente de repolhinho — disse Jan, petrificado.
— Odeio quando ela chama a gente de repolhinho.

Mas, por mais que eu esteja doida para ver o que acontece em seguida — lágrimas nos olhos de Jan, talvez? —, estou sendo deslocada novamente. Para cima, para baixo, entre pisos de linóleo, através de madeira porosa até que me vejo, novamente, em outro apartamento. Este é mais escuro. Móvel grande demais, pesada e marrom. Vários tapetes de estampas conflitantes e cortinas que parecem de crochê. Sentada numa poltrona robusta, está uma senhora circunspecta. As pernas abertas; os pés, em chinelos, plantados firmemente no chão. A senhorinha deve ter, pelo menos, cento e dezesseis anos. Assiste a um programa de jardinagem e, pelas rugas na testa, parece que nunca ouviu idiotice tão grande na vida. Flores eternas? Não existe esse tipo de coisa, seu imbecil! Tudo morre!

Passo por ela sobrevoando e entro num quarto pequeno, sombrio, depois noutro, um pouco maior, tão sombrio quanto, e me surpreendo ao ver um cachorro grande, de orelhas compridas, tão compridas e além disso cinzas que, momentaneamente, penso que é um burro. Está deitado num canto, a cabeça entre as patas, entediado — então, percebe minha presença e, imediatamente, entra em alerta. Não se pode passar despercebido para animais. É uma questão de diferença de frequências. Tudo é uma questão de frequência.

Paralisado de espanto, as orelhas compridas de burro atentas, o cão rosna baixinho, depois muda de ideia, pobre cão confuso. Sou amiga ou inimiga? Ele não faz a menor ideia.

E o nome dessa criatura? Bem, por estranho que pareça, seu nome é Rancor. Mas isso não está certo, isso não é nome. O problema é que tem tanta *tralha* no apartamento que acaba baixando as vibrações, esculhambando o padrão das coisas, das energias.

Deixo o cachorro com cara de burro para trás e volto à sala de estar, onde vejo uma cômoda, tão pesada e maciça quanto um elefante adulto. Uma pequena pilha de correspondência aberta me informa que o nome da velhota é Jemima.

Ao lado dos envelopes, vejo um porta-retrato prateado que emoldura a foto de um homem jovem, e, com um insight, descubro que o nome dele é Fionn. O que significa *Fair One*, ou seja, Homem Bom. Quem é ele? O noivo de Jemima, morto na guerra dos Bôeres? Ou morto pela febre epidêmica de 1918? Mas o estilo da foto não é compatível com a Primeira Guerra Mundial. Aqueles homens e seus uniformes estão sempre tão rígidos e sérios diante da câmera que se poderia dizer que eles têm o próprio rifle enfiado nas partes pudendas traseiras. Invariavelmente, usam um bigodinho reto acima do lábio e, pela maneira gelada e sem vida com que encaram o fotógrafo, parecem estar mortos e empalhados. Fionn, em contraste, parece um príncipe de livro infantil. Está tudo resumido no cabelo — meio castanho, meio comprido e meio encaracolado — e no maxilar, que é anguloso. Está de jaqueta de couro e jeans claro, agachado sobre o que parece ser um canteiro de flores, e tem um punhado de terra na mão, que ele me oferece, com um sorriso meigo, quase *atrevido*, como se me oferecesse muito mais — meu Deus do céu! Ele piscou para mim! Isso mesmo! Ele piscou! A fotografia piscou! E uma estrela prateada brilhou no sorriso dele! Mal posso acreditar.

— Posso sentir sua presença — vocifera Jemima subitamente, me assustando de verdade. Eu me esquecera dela, estava muito envolvida por Fionn, o Príncipe, e suas piscadelas.

— Sei que você está aqui — diz. — E você não me assusta!

Jemima percebe a minha presença! E olha que nem cheguei perto dela. Mais sensível do que parece.

— Mostre-se — ordena.

Farei isso, senhora, ah, se farei. Mas não agora. Sua hora ainda não chegou. De qualquer maneira, parece que estou saindo de cena novamente, sendo puxada para baixo. Estou no apartamento térreo agora. Consigo ver a rua pela janela da sala. Estou sentindo muito amor aqui. E outra coisa também...

No sofá, iluminado pela luz tremeluzente da televisão (de trinta e duas polegadas) está... está... Bem, estão um homem e uma mulher, tão enganchados um no outro que, por um momento, acho que são

uma pessoa só, um estranho ser mitológico de duas cabeças, três pernas, e isso é tudo que preciso saber. (A quarta perna está lá, mas escondida debaixo dos dois corpos.)

No chão, estão dois pratos, neles os restos de um jantar delicioso pode ser visto: batata, carne vermelha, molho, cenoura — um pouco pesado para junho, eu diria, mas o que é que eu tenho com isso?

A mulher — Maeve —, agora que consegui ver seu rosto, é loura e tem as bochechas rosadas, parece um anjo de uma pintura. Tem um quê de frescor de querubim, porque já foi uma garota rural. Pode estar vivendo em Dublin no momento, mas o ar doce e limpo dos campos ainda está apegado a ela. Essa mulher não tem medo da lama. Ou do excremento das vacas. Ou de galinhas em trabalho de parto. (Por alguma razão, tenho a sensação de estar ligeiramente errada.) Mas essa mulher tem medo de outras coisas...

É difícil enxergar o homem — Matt —, porque eles estão muito entrelaçados; o rosto dele está quase completamente escondido. O engraçado é que estão assistindo ao mesmo programa de jardinagem que Jemima, no andar acima deles. No entanto, diferentemente de Jemima, parecem achar que é um exemplo maravilhoso de diversão televisiva.

Inesperadamente, sinto a presença de outro homem no local. Não muito clara, mas clara o suficiente para me fazer vasculhar o lugar para confirmar. Como os outros apartamentos do prédio, este tem dois quartos, mas somente um é usado como quarto de dormir. O outro, menor, foi transformado em escritório/quarto de coisas — escrivaninha com computador e equipamentos esportivos abandonados (estacas para trilhas, raquetes de badminton, botas de montaria, esse tipo de coisa), mas nada em que uma pessoa possa dormir.

Investigo um pouco mais. Duas canecas combinando na cozinha, dois potinhos iguais para comer cereal, dois iguais de tudo. Qualquer que seja essa presença masculina extra, não mora aqui. E, pelo estado selvagem do jardim dos fundos, que pode ser visto da janela do quarto, também não corta a grama. De volta à sala, me aproximo da angelical Maeve, para me apresentar — *amigavelmente* —,

mas ela começa a sacudir os braços, como alguém nadando em terra seca, afastando-se de Matt. Solta-se dele e senta-se ereta. O sangue sumiu de seu rosto, e sua boca está aberta num O silencioso. Matt, saindo com dificuldade do amasso no sofá, senta-se e está igualmente atormentado. — Maeve! Maeve! É sobre jardinagem, só isso! Eles disseram alguma coisa errada? — O susto está estampado em seu rosto. Agora que consigo enxergá-lo melhor, vejo que tem um rosto jovem, agradável, confiante, e suspeito que, quando ele não está tão preocupado, é um sujeito sorridente.

— Não, nada... — diz Maeve. — Desculpe, Matt, eu senti... Não, tudo bem. Está tudo bem.

Eles voltam — com alguma dificuldade — à posição enganchada de antes. Mas eu a perturbei. Perturbei aos dois e não queria ter feito isso. Gostei deles, fiquei tocada pela candura incomum que compartilham.

— Tudo bem — digo (apesar de eles não poderem me escutar, é claro). — Vou embora.

Sento-me do lado de fora, na escada da frente, um pouco desconsolada. Mais uma vez, confiro o endereço: Star Street número 66, Dublin 8. Uma casa de tijolos vermelhos, estilo georgiano, a porta da frente azul, com aldrava em formato de banana. (Um dos ocupantes anteriores era um divertido artesão de metal. Odiado por todos.) Isso mesmo, a casa é, definitivamente, de tijolos vermelhos. Isso mesmo, estilo georgiano. Isso mesmo, porta da frente azul. Isso mesmo, aldrava em formato de banana. Estou no lugar certo. Mas não me informaram que morava tanta gente aqui.

Espere o inesperado, fui aconselhada. Mas esse não era o tipo de inesperado que eu esperava. Isso era um inesperado *errado*.

E não tem ninguém a quem eu possa perguntar. Fui lançada aos leões, como um agente disfarçado. Vou ter que resolver por conta própria.

Dia 61...

Passei minha primeira noite na Star Street número 66 indo de apartamento em apartamento, perguntando-me, ansiosamente, qual deles era o meu. O de Kate estava vazio. Logo depois da minha chegada, seus amigos foram embora, numa nuvem de tensão, para um restaurante caro. No andar de baixo, enquanto Andrei e Jan limpavam a cozinha, Lydia se aboletou na pequena escrivaninha espremida no canto da sala de estar e passou longos e intensos minutos navegando na internet. Quando foi para o quarto descansar, Jan e Andrei se retiraram para o quarto que dividiam, com duas camas de solteiro, para estudar seus livros de administração — bons garotos — e eu descii ainda mais um piso, até o apartamento de Jemima. Tomei muito cuidado para me manter distante dela; não queria que gritasse comigo de novo. Devo admitir, porém, que me diverti bastante brincando com o cachorro, Rancor — se é que esse é realmente o nome da criatura. Apareci na sua frente e ele me encarou, numa perplexidade engraçada. No frescor do momento, decidi fazer uma pequena coreografia e — todos os créditos a ele — sua grande cabeça cinzenta se moveu comigo, em ritmo perfeito. As ondas emanadas por mim ondularam mais rapidamente e fizeram piruetas acima da cabeça dele, e o cão fez de tudo para me acompanhar — pobrezinho — até ficar tão hipnotizado que começou a se sacudir e a latir para si mesmo. Nesse momento, infelizmente, parei. Não seria nada legal se ele vomitasse.

Então, finalmente, voltei à Matt e Maeve. Era onde eu queria estar o tempo todo; no entanto, profissional como sou, achei melhor

explorar todas as possibilidades. Bem, as possibilidades foram exploradas até o momento em que eu, de consciência limpa, pude voltar ao casal namorando no sofá.

Fosse qual fosse o programa ao qual assistiam, tinha acabado naquele instante, e Maeve, automaticamente, abriu os braços para libertar Matt do seu abraço. Matt rolou do sofá até o chão e se levantou de um pulo, como um agente secreto adentrando uma embaixada inimiga. O movimento foi feito com precisão e suavidade, obviamente já fora repetido algumas vezes, e, por sorte, os pratos de jantar, que estavam ali antes, haviam sido retirados, senão a bela camiseta de Matt teria ficado suja de molho.

— Chá? — perguntou Matt.

— Chá — confirmou Maeve.

Na pequena cozinha, Matt colocou a chaleira no fogo, abriu a porta do armário e quase foi atingido pela avalanche de biscoitos e de bolos que caíram dali. Selecionou dois pacotes — de chocolate e de chocolate com gengibre e amêndoas; os de chocolate eram os preferidos de Maeve, os de gengibre com amêndoas, seus preferidos — e usou as duas mãos para empurrar o restante dos pacotes de volta ao armário, fechando a porta rapidamente, antes que caíssem sobre si novamente.

Enquanto esperava que a água fervesse, abriu o pacote de biscoito de chocolate com gengibre e amêndoas e, sem perceber, comeu dois, mal sentindo o gosto. Uma atitude tão casual em relação à gordura trans e a açúcar refinado fez com que eu suspeitasse que ele consumia bastante desses ingredientes e, observando mais atentamente, percebi que tinha uma tendência pequena... a... uma *ligeira* inclinação à gordurinha. Seu corpo inteiro apresentava excesso de — honestamente — não mais que uma camada de um milímetro de gordura. Mas insisto que essa não é uma tentativa covarde de anunciar que ele era gorducho. Sua barriga não estava explodindo dentro da camiseta, ele só tinha uma... papada, e essa papada era muito bem-plantada no rosto. Ok, talvez ele pudesse perder um pouquinho de peso, mas estava bem do jeito que estava. Se fosse um pinguinho mais leve,

talvez perdesse um pouco do charme; talvez parecesse ambicioso demais, eficaz demais, o cabelo talvez um pouco perfeito demais.

Duas colheres de açúcar em cada xícara de chá e de volta para Maeve. Um programa novo havia começado na TV, um dos favoritos do casal, pelo que pude perceber. Um deles sobre culinária, apresentado por uma personalidade jovem, um homem chamado Niven Maguire. Enrosaram-se um no outro e ficaram assistindo ao preparo de frutos do mar, bebendo chá e fazendo incursões vorazes nos pacotes de biscoitos. Com espírito de inclusão, Maeve comeu um dos de Matt, apesar de eles conterem chocolate amargo, ingrediente de que não gostava, e Matt comeu um dos de Maeve, apesar de achá-los tão doces que faziam seu maxilar travar. Eram muito, muito gentis um com o outro e, no meu estado de confusão, isso era calmante.

Um cínico poderia sugerir que aquilo era perfeito demais. Mas essa pessoa estaria errada. Matt e Maeve não estavam simplesmente fazendo o papel de Casal Muito Apaixonado. O sentimento era real, porque o coração deles vibrava em perfeita harmonia.

Nem todo mundo sabe, mas cada coração humano descarrega uma corrente elétrica que se estende para fora do corpo até uma distância de três metros. As pessoas se perguntam por que gostam ou desgostam instantaneamente de alguém. Imaginam que isso tenha a ver com associações: conhecem uma mulher baixinha, monocelha, e se lembram da vez em que uma outra mulher baixinha, monocelha, ajudou a consertar seu secador de cabelos, e não conseguem impedir a sensação de proximidade com essa nova, totalmente desconectada, mulher baixinha monocelha.

Ou o primeiro homem que lhes trapaceou se chamava Carl e, portanto, dali em diante, todos os Carls se tornam suspeitos. No entanto, simpatias ou antipatias instantâneas também são o resultado de harmonia (ou desarmonia) de vibrações do coração, e os corações de Matt e Maeve Batiam Como Um Só.

O momento em que Matt se apaixonou por Maeve...

Aquele momento vinha se aproximando havia algum tempo, para ser honesta, e finalmente chegou numa manhã gelada de março, há mais ou menos quatro anos e três meses, quando Maeve tinha 26, e Matt 28 anos. Estavam no trem e não estavam sozinhos — havia mais três pessoas entre eles, duas meninas e um rapaz, todos a caminho do treinamento de um dia. Os cinco trabalhavam na Goliath, empresa multinacional de software, na qual Matt era chefe de uma das equipes de venda. Matt era, na verdade, chefe de Maeve (na verdade mesmo, era também chefe das outras três pessoas presentes), apesar de nunca ter se comportado de maneira particularmente mandona — seu estilo como gerente era encorajar e elogiar, conseguindo assim o melhor de sua equipe, porque todos eram (homens e mulheres) apaixonados por ele.

O fato é que Matt nem mesmo deveria estar lá. Tinha um carro da companhia, portanto, normalmente, dirigia até seus compromissos (sempre oferecia carona aos menos afortunados que ele), mas, naquele dia, o carro se recusara a dar partida, então ele se juntara aos outros e fora de trem com o restante da equipe. Muitas vezes, durante os agonizantes momentos que se seguiram, perguntou-se se, caso seu carro não tivesse dado defeito, ele teria cruzado a linha entre adorar Maeve e se apaixonar por ela. A resposta era, claro, sim. Matt e Maeve haviam sido feitos um para o outro, *alguma coisa* teria acontecido.

Matt era um cara urbano, nascido e criado em Dublin. Nunca chegara a cem metros de uma vaca; Maeve vivera numa fazenda em Galway até os dezoito anos — na verdade, seu apelido entre os colegas de trabalho era garota rural. Certa vez, voltara para a fazenda para ajudar no parto de um bezerro e participara intensamente da saga de vida ou morte desta bezerrinha chamada Bessie, que nascera prematuramente e fora rejeitada pela mãe. Apesar de Matt ter zero interesse em coisas de fazenda, ficou tocado com a história da luta de Bessie para sobreviver. Quando Maeve chegou ao fim da história e confirmou que a bezerrinha agora estava indo bem, ficou surpreso com o alívio que sentiu.



— Não é bom ficar muito apegado a algum dos animais, não é mesmo? — perguntou.

— Com certeza — suspirou Maeve. — Tive uma porquinha durante algum tempo. Pobre Winifred. Virou torresmo. Nunca mais cometo esse erro. Agora tenho um marreco, e ele vai morrer de causa natural, não vou deixar que o matem.

— Um marreco? — perguntou Matt.

— Um pato macho.

— Eu sei. — Depois da explicação dela, ele ficou sabendo.

Maeve riu do embaraço dele. — Ah! Você é *tão* convencido.

Os outros três membros da equipe ficaram ligeiramente tensos. Por mais tranquilo que Matt fosse, ainda era o chefe. Será que era certo chamar o cara de convencido? Mas a risada de Maeve foi tão afetuosa que, certamente, não se sentiu ofendido. Ele e Maeve sorriam e piscavam um para o outro. Na verdade, sorriam e piscavam bastante um para o outro...

— Tenho uma foto dele na minha carteira — disse Maeve.
— Roger. Ele é uma graça.

— Foto de um pato? — Matt não sabia o que pensar daquilo; achou muito estranho, mas, ao mesmo tempo, muito engraçado.
— Isso está ficando cada vez melhor. E o nome dele é Roger? Por que *Roger*?

— Ele tem cara de Roger. Juro, é verdade. Vou lhe mostrar.
— Maeve tirou a carteira da bolsa e procurou a foto. Mas, em seu entusiasmo, abriu demais, acidentalmente, a carteira, e um jorro interminável de moedas, uma cascata de metal sobre o chão caiu chocando-se e rolando por toda a extensão do vagão.

Todos os outros passageiros fingiram que nada estava acontecendo. Aqueles que tiveram os pés atingidos por uma moeda, apenas a chutaram ou olharam rapidamente para baixo, somente para conferir se não era um camundongo roendo o seu sapato, voltando em seguida às suas mensagens de texto, revistas ou introspecção aborrecida.

— Meu Deus! — Maeve se levantou, rindo descontroladamente.
— Lá se vão minhas moedas da lavanderia. — Como se dotada de

uma força magnética, depois dessas palavras todos os treze passageiros levantaram a cabeça e, de repente, Matt percebeu o poder que Maeve possuía. Não um poder explícito e arrogante, não o poder conquistado com roupas caras ou boa maquiagem — já que o jeans e as botas peludas de Maeve, além de seus cachos, dificilmente fariam com que os *hosts* das boates liberassem sua entrada. O que fazia de Maeve um ser tão potente era o fato de esperar o melhor das pessoas.

Nunca considerava a possibilidade de estranhos à sua volta não estarem dispostos a ajudar — e sua fé era recompensada. Matt assistiu, hipnotizado, a quase todos no vagão ficarem automaticamente de joelhos, como se na presença de uma divindade inspiradora, em busca de qualquer moeda visível. Matt e seus colegas ajudaram, bem como terapeutas lituanos, ajudantes de cozinha sírios, enfermeiras filipinas e estudantes irlandeses. Todos no chão, agachados, como cossacos em câmera lenta.

— Obrigada — agradeceu Maeve, repetidamente, ao receber as moedas devolvidas. — Obrigada, muito obrigada, você é um amor, que Deus lhe pague em dobro, que Deus o abençoe, muito obrigada.

Essa é a pessoa de quem quero ficar perto, Matt flagrou-se pensando. Depois, repensou. Não, essa é a pessoa que quero *ser*.

Dois pontos adiante, quando Matt e sua equipe saltaram do trem, Maeve gritou: — Mil vezes obrigada, gente, vocês são demais. — E seria possível assar batatas no calor emanado por ela. Matt sabia que aqueles passageiros voltariam para casa naquela noite e relatariam o acontecido. “Uma moeda de dois euros bateu no meu pé e pensei: dane-se, moça, você deixou cair o dinheiro, você pega. Tive uma semana pesada, mas ela parecia uma pessoa bacana, então, *ajudei* a moça a pegar o dinheiro, e sabe de uma coisa? Estou feliz de ter feito isso, me senti bem...”

Minha viagem às lembranças de Matt e Maeve foi interrompida pela atividade súbita dois andares acima. Encaminhei-me para ver o que era.

Dia 61...

Andrei e Jan haviam guardado suas apostilas e passavam pelo corredor, olhando, amedrontados, para Lydia. Eu ainda achava difícil distinguir um do outro — viviam tomados por tanto medo que suas vibrações ficavam confusas. Reparei no seguinte: Andrei tinha os olhos incrivelmente azuis, intensos como os de um religioso fanático, mas *não* era nem religioso. Jan também tinha olhos azuis, mas os dele não tinham a mesma intensidade. No entanto... é, no entanto, ele tinha um livro de orações que lia frequentemente com — sim! — *fé*.

É bem verdade o que dizem: não se pode julgar uma pessoa pela aparência.

Pegaram cerveja, batata chips e sentaram-se na sala para assistir à “Entourage”. Eram loucos por “Entourage”. Era o programa favorito deles. Um dos pontos altos da semana. Morriam de vontade de ir para a América e viver uma vida tipo Entourage — sol brilhando, carros e, é claro, mulheres lindas, mas, acima de tudo, as paredes intransponíveis da solidariedade masculina.

Silenciosos e hipnotizados diante da televisão, não ouviram Lydia entrar na sala. Perceberam que estava ali somente quando ela quebrou o encantamento do programa dizendo: — Meninos, por que vocês estão tão *caidinhos*?

— *Caidinhos*? Como assim *caidinho*? O que quer dizer *caidinho*? — perguntou Jan, ansioso. Imediatamente, arrependeu-se de ter falado. O conselho constante de Andrei era: melhor não se envolver com Lydia.

— O que significa *caidinho*? — considerou Lydia. — *Caidinho* é infeliz, triste, para baixo, deprimido, sem esperança. — Ela olhou

para eles com uma expressão de pseudossimpatia. — Banzo, saudades da pátria, esse é o diagnóstico da Dra. Lydia. — Num tom carregado de falsa simpatia, perguntou, gentilmente: — Pobrezinhos, estão com saudades de Minsk?

Nenhum dos dois disse nada. Durante as últimas três miseráveis semanas, familiarizaram-se com essa rotina infernal: Lydia fazendo piada com cidades cujos nomes terminavam em “sk”.

— Minnnssskkk! — Lydia saboreava a sonoridade. — Ssskkk? Estão com saudade?

Como não ouvisse resposta, disse, falsamente surpresa: — Não estão com saudade? Nossa, vocês não são nada patriotas.

Isso foi demais para Jan, que, a cada minuto que passava na Irlanda, sofria desesperadamente para voltar para casa. — Garota da Irlanda, a gente não é de Minsk! A gente é de Gdansk! Polônia, não Bielorrússia!

Assim que as palavras foram pronunciadas, Jan quis cortar a própria língua. Lydia conseguira derrubá-lo! Ele traíra, mais uma vez, a resistência!

Profundamente envergonhado, olhou para Andrei. *Desculpe. Não sou tão forte como você.*

Tudo bem, respondeu Andrei silenciosamente. *Você não deve se culpar. Ela pode destruir o mais corajoso dos homens.*

(As identidades independentes estão entrando em foco agora. Andrei — mais velho, mais inteligente, mais forte. Jan — mais jovem, mais doce, mais bobo.)

Lydia saiu e, depois de um tempo em silêncio, Jan admitiu: — Eu estou *caidinho*.

Vários segundos se passaram antes que Andrei dissesse: — Eu também estou *caidinho*.

Dia 61...

De volta ao térreo, parecia que Matt e Maeve planejavam sair para uma corrida noturna. No quarto de dormir — um paraíso da mobília pré-fabricada, as mesinhas de cabeceira ligeiramente bambas porque as instruções do manual eram em tcheco e Matt dissera que, se tivesse que voltar à loja para pegar um em inglês, se mataria —, despiram-se, Maeve dando as costas para Matt enquanto tirava o sutiã. Imediatamente, vestiram-se de novo, colocando ainda mais roupas do que antes. Maeve agora estava coberta do pescoço aos pés com moletons cinza, e Matt vestira cueca samba-canção, calça de moletom e camisa de manga comprida. Então... Incrível!... Deitaram na cama! Para que tanta roupa? A noite estava quente.

De repente me ocorreu que talvez fossem partir para preliminares e que se despiriam sensualmente. Mas qual o problema de tirar as roupas que já vestiam?

Eu não estava nem um pouco feliz imaginando que testemunharia algum jogo muito esquisito, mas me forcei a ficar. Eu não tinha escolha! Era importante ter um panorama geral da situação. Recostado em seu travesseiro, Matt folheava uma revista automobilística, virando rapidamente as páginas, ansioso para ver o conteúdo da próxima, enquanto, ao seu lado, Maeve lia *Orgulho e Preconceito*... E isso foi tudo o que aconteceu. Fiquei mais um pouco, reparei na pilha de outros livros de Jane Austen na cabeceira de Maeve — obviamente uma fã. E fiquei ainda mais um pouco, até ter certeza de que nenhum jogo preliminar estava prestes a acontecer.

Admito que senti certo alívio.

* * *

O único problema de Matt ter se apaixonado por Maeve quatro anos e três meses antes era o fato de que já tinha uma namorada...

Isso, a adorável Natalie. E ela era realmente adorável. De todas as garotas bonitas e inteligentes da Goliath — e havia mais de duzentas jovens empregadas lá; portanto, a possibilidade de escolha era enorme —, Natalie era a mais bonita e a mais inteligente de todas: pele lisa e morena, coxas longas e torneadas, um olhar intrigante, muita facilidade para exercer seu trabalho. (Uma preciosidade belga, uma excelente propaganda para o seu país famoso pela inexpressividade.)

Matt — o sorridente e amável Matt, com a convicção absoluta de que iria longe na vida — estava à altura da adorável Natalie.

Matt e Nat gerenciavam, cada um, uma equipe de vendas e, mesmo amantes, eram rivais. Competiam, triunfantes (tudo com muito bom humor, é claro), cada vez que fechavam uma venda de software para a Goliath. “Menos uma para você, companheiro.”

Portanto, quando Maeve começou o treinamento, não foi surpresa que Matt, com sua gloriosa namorada e o trabalho exigente, mal a notasse. Diga-se de passagem, a Goliath, sendo o que era (uma companhia em plena expansão), tinha gente nova entrando nas equipes toda hora — no mesmo dia em que Maeve começou, também começaram Tarik, do Paquistão, e Yen-Wei, de Taiwan —; portanto, eram sempre vários rostos novos na sala de jogos ou na fila do café da manhã. Era difícil acompanhar.

Maeve, amigável e otimista, com seu sotaque musical, era popular entre os colegas de trabalho, mas ainda não se registrara como uma presença significativa diante do radar de Matt, até uma certa noite, quando Matt e Nat saíam do trabalho. Cruzaram-se rapidamente no corredor de mármore impecável, sapatos de couro preto, roupas sérias de trabalho, os cabeças da equipe de vendas. Movendo-se em harmonia, abriram as maciças portas duplas da Goliath — cada um abrindo uma delas — e passaram por Maeve, agachada, destravando sua bicicleta.



— Boa-noite, gente — disse ela.

Em perfeita sincronia, Matt e Nat viraram suas cabeças para ver quem falara com eles — como se fossem um só — e caíram, juntos, numa gargalhada incontrolável.

— O que foi? — perguntou Maeve. Sorriu, dando-se conta. — É o meu gorro?

— É!

O gorro de Maeve era laranja e rosa, com padrões incas. Um triângulo de crochê cobria cada orelha, uma franja de lã descia até seu ombro e um pompom laranja enfeitava o topo da cabeça.

— É tão feio assim? — Maeve ainda estava sorrindo.

— É horroroso — disse Nat.

— Mas é de Machu Picchu e esquenta minhas orelhas. — Isso fez com que os três rissem mais ainda. Então, com um ruído de metal, Maeve soltou sua bicicleta da corrente, montou nela e, movendo-se com facilidade, pedalou em direção ao tráfego.

— Ela é um amor — suspirou Nat. — O que você acha dela e do David? Que tal?

Matt não fazia ideia. Mal notara Maeve até cinco minutos atrás; não podia imaginar que ela estava saindo com David.

— Eles têm tanta coisa em comum. — Nat sorriu, simpática. — Os dois são de Galway.

(David era, na verdade, de Manchester — não era necessário vir de Galway para ser chamado de galovídeo. O termo implicava o gosto por fafáfel, por macacão e por festivais — música, obviamente, mas também comédia, poesia, cerveja... Qualquer uma dessas coisas. Se envolvesse lama e canecas de cerveja, perfeito. Se o festival ainda pudesse ser combinado a uma marcha de protesto, melhor ainda. Na verdade, o fim de semana ideal, a *utopia* para alguém de Galway, era ser pego numa manifestação contra a globalização, levar uma cacetada na cabeça e ser jogado numa cela por vinte e quatro horas com outros três ferozes integrantes genoveses do protesto. Galovídeos eram fortes, dormiam feito bebês no chão frio da casa de amigos. Gente de Galway tem orgulho de ser irlandesa — mesmo quando

não é irlandesa — e usa muitas expressões típicas em conversas. A maioria dos funcionários da Goliath é de Galway. Uma frase popular na empresa: “Birita pra hoje?” Querendo dizer: “Vamos tomar um drinque?”

O engraçado era que, naquela época, Matt cobiçava David muito mais do que cobiçava Maeve.

— Adoraria ter o David na minha equipe — dizia, ambicioso.

— Nós dois adoraríamos — completava Natalie.

David era o bem mais valioso da equipe de Godric. Era superinteligente, um gênio da matemática e capaz de desfazer o nó do problema mais complicado. Simplesmente seguia em frente, tentando diferentes soluções, até que funcionassem.

— O David podia gerenciar uma equipe se quisesse — dizia Matt.

David era provavelmente apenas um pouco mais velho do que quase todo mundo na Goliath, mas o suficiente para ser um líder natural. Mesmo assim, resistia a todas as tentativas de ser direcionado para o gerenciamento.

— Qual você acha que é o motivo dele? — perguntou Matt para Nat.

— Ele diz que não quer ser rotulado — respondeu Nat.

David já fizera muitas coisas aos trinta anos. Viajara o mundo inteiro e tivera uma enorme variedade de empregos, desde professor de física nas Guianas até babá numa família de pensamento progressista em Vancouver.

— Não quero ter uma “carreira”, ele me disse. — Nat balançou a cabeça e riu. Não compreendia as pessoas que não tinham a mesma ambição que ela.

— Muito nobre da parte dele.

— Talvez um pouco nobre demais?

— Talvez.

Os dois se lembraram do incidente da semana anterior. David — sempre acaloradamente contrário às injustiças — se irritara tanto contra a cobertura pró-Rússia a respeito da guerra na Chechênia que



imprimira a matéria ofensiva do site da Reuters e juntara vários seguidores em volta da sua mesa enquanto queimava a página numa espécie de cerimônia. Disparara todos os alarmes de fumaça.

— Ainda bem que os dispositivos de água não dispararam — disse Matt.

— Ele podia ter destruído todas as nossas máquinas — complementou Nat.

— E não deu a mínima. Disse que princípios eram mais importantes.

— Princípios. — Nat revirou os olhos. — Pelo amor de Deus.

Depois do incidente hilário do gorro, Matt ficou sabendo quem era Maeve. Mais ou menos uma semana mais tarde, enquanto dirigia até o trabalho, viu um pompom laranja balançando no meio do tráfego. Disse para si mesmo: É aquela moça, a Maeve, que tem um gorro assim.

Na bicicleta, costurava o trânsito até desaparecer de vista. Quando o sinal abriu, Matt arrancou e a alcançou. Enquanto ele ficava mais uma vez preso no mar de carros, lá ia ela, ganhando distância. Então o sinal abria novamente e lá ia ele, atrás dela. Isso virou um padrão. Maeve na frente, Matt a seguindo, procurando o pompom laranja, até que ela se distanciava e ele agarrava o volante do carro, esperando pela chance de adiantar o veículo.

Apesar de Maeve não saber de nada disso, Matt imaginava que os dois estavam disputando uma corrida. Sua trajetória até o trabalho nunca fora tão divertida.

Quando se aproximou da bifurcação de Hanlon's Corner, Matt se encontrava na frente. O sinal estava verde, mas a angústia de estar tão adiante e distante de Maeve fez com que diminuísse a velocidade, e o sinal amarelo o ajudou neste plano. Assim que a luz ficou vermelha, Maeve passou por ele e parou por alguns segundos no cruzamento, como quem faz cálculos mentais muito rápidos. Matt quase podia senti-la contabilizando a velocidade, o tempo disponível para

cruzar, os motoristas pisando nos aceleradores, prontos para darem partida assim que o sinal piscasse verde, uma vez que já estava vermelho do cruzamento. Então, ela se lançou, parecendo pequena e incrivelmente corajosa, como a estudante diante de um tanque de guerra. Todos os olhos no pompom laranja enquanto ela cruzava a zona de perigo e, quando alcançou a segurança do outro lado da rua, Matt ficou tomado de alívio e admiração.

O episódio causou-lhe tamanha impressão que, ao chegar ao trabalho, ele fez uma visita especial ao local compartilhado pelos funcionários em treinamento.

— Bom-dia, senhorita Maeve. Alguém já disse que você avança sinal vermelho muito bem? Fica tão calma, tão desafiadora?

Maeve tirou os olhos da tela do computador, surpresa.

— Alguém já disse que você é falastrão?

— Falastrão?

— É, puxa conversa, é cheio de lábia, esse tipo de coisa.

— Entendi. — Mais uma de suas gírias. — Vi você vindo de bicicleta para o trabalho. Cruzando a Hanlon's Corner no sinal fechado. Nervos de aço.

— Gosto de me arriscar.

— Você tem sorte de não ter morrido.

— A sorte anda com os corajosos.

— Você nunca me veria pedalando na cidade.

— Devia tentar. Enobrece a alma.

— Minha alma já é nobre o suficiente.

— Ah, é? — Provocou ela, encarando-o, divertida.

— Para com isso!

— Que foi?

— Para de me olhar desse jeito, como se soubesse de alguma coisa que eu não sei sobre mim.

— Eu? — Ela riu. — Eu não sei de nada.



Matt não contou a Natalie sobre seu episódio de perseguição a Maeve no caminho para o trabalho. Não havia necessidade, não tinha sido nada de mais. O engraçado era que Natalie era tão fã de Maeve quanto ele próprio e os dois reclamavam uma espécie de posse em relação a ela, um sentimento parecido ao devotado a um amável e inofensivo filhote de cão. Numa noite de sexta-feira, tomando drinques num bar, garantiram lugares perto dela e ficaram ouvindo-a falar, com seu sotaque melodioso, as estranhas palavras que usava. “Abrigo”, quando queria dizer suéter, esse tipo de coisa.

No fim do expediente de uma sexta-feira, Nat se aproximou da mesa de Matt. — E aí, vamos?

— Dez minutos.

— Me encontra no bar. Leva a Maeve. — E foi embora.

Matt nem se deu o trabalho de pedir que Nat o esperasse. Ela não gostava de perder tempo.

Quando terminou o que estava fazendo, foi até a baía de Maeve.

— Vamos tomar um drinque?

— Um drinque? — Maeve ficou olhando o vazio enquanto considerava a hipótese. Depois de uma pausa, sorriu e disse: — Hoje não vai dar, Matt.

— Por que não, Garota Rural? — Sentiu-se... *rejeitado*. — Vai sair com o namorado?

— E se eu for? — Seu tom era suave.

— Tudo bem. — Matt foi tomado por uma repentina e absoluta implicância com David. Ele era um cara decente e certinho, sempre apoiando causas, organizando eventos de caridade, sempre tão *cuidadoso e preocupado*.

— E estou de bicicleta — complementou.

Matt não entendeu.

— Não posso beber mais que um drinque se estou de bicicleta — explicou Maeve. — Melhor nenhum do que um.

Imediatamente, Matt transferiu a implicância de David para a bicicleta de Maeve, como se o objeto fosse um guarda-costas destinado a afastá-la dele.

— Bem, *eu* vou tomar um drinque — disse Matt, num tom de desafio que ele mesmo não compreendeu.

— Bom proveito para você.

— *Isso*, bom proveito para mim.

No pub, Nat perguntou: — Cadê a Maeve?

— Não vem.

— Não? — Nat pareceu desproporcionalmente desapontada.

Matt olhou para ela, preocupado. — O que foi?

— Maeve vai encerrar o treinamento semana que vem.

— Já?

— Duas semanas antes. É segredo. Ela foi muito bem. Quero que entre na minha equipe.

Mas eu quero Maeve na minha equipe.

— E ela quer ser da sua equipe?

— Não perguntei. Ia fazer isso hoje à noite.

— Então ela ainda não sabe de nada?

— Não.

Vou chegar primeiro.

Quando Matt convenceu Pong, da Tailândia, a trocar sua equipe pela de Nat, e pegou Maeve para si, Nat pareceu um pouco estremeada pela traição de Matt. Mesmo assim, ergueu uma taça e declarou-o um adversário à altura.

Nas semanas seguintes, Matt começou a dizer “falastrão”, “bom proveito para você” e “poder na peruca”.

— Poder nos cotovelos? — Nat riu. — Meu irlandesinho de Galway.

Era uma piada. Como se ela, a adorável Natalie, fosse sair algum dia com um irlandesinho de Galway.

Dia 61...

Onze e meia da noite, a Star Street estava em silêncio. Eu esperava Katie voltar para casa, mas percebi que isso não aconteceria. Localizei-a do outro lado da cidade, entrando numa casa grande, vitoriana, prestes a receber um presente especial de aniversário do poderoso Conall.

Katie falava pelos cotovelos. Resultado da quantidade exorbitante de champanhe que havia ingerido. Conall tentava, com bom humor admirável, abrir a porta da frente e, ao mesmo tempo, manter Katie de pé.

— Quem ganharia a luta? — perguntava Katie. — Você ou o gerente de investimentos?

— Eu. — O tom da resposta de Conall dava a entender que a questão já existia havia algum tempo.

Seus dedos enlaçaram o braço dela, encaminhou-a para dentro de casa e desarmou o alarme.

Katie encostou no interruptor e exclamou, surpresa, quando as luzes se acenderam: — Eu fiz isso? *Luz, câmera, ação!* Não precisa ficar me escoltando, não vou cair.

— Pode cair, se quiser. É seu aniversário.

— Bebi champanhe demais. — Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça. — Estou bêbada. Acontece.

Conall foi com ela até a escada e, juntos, bem lentamente, subiram, Katie parando com frequência para rir sem motivo.

No quarto degrau, ela se recusou a continuar. — Essa é boa! Conall, quem ganharia a luta? Você ou o presidente do Banco Mundial?

— Eu.

— É bom encostar em alguma coisa, sabia? Assim. — Deixou o peso do corpo cair sobre os braços de Conall, que a seguravam pela cintura. — Você não vai me deixar cair. A gente fazia isso na escola, ver o quanto podia confiar em alguém.

— Opa! A gente vai continuar subindo.

No nono degrau, ela parou novamente. — Quem ganharia a luta? Você ou o diretor da Jasmine Foods?

— Eu. Com as duas mãos amarradas.

Isso fez com que ela soltasse uma gargalhada, e o progresso foi interrompido. — Não consigo rir e andar ao mesmo tempo.

Finalmente, chegaram ao segundo piso e Conall abriu a porta do quarto. Katie entrou, foi até a cama, deitou-se e ergueu uma das pernas. — Tira a minha bota.

— Não. Fica de bota.

— É? Ah. Ok. Quem ganharia a luta?

Conall cobriu a boca de Katie com a sua e, depois de uns instantes, ela parou de falar. Nunca saberia quem ganharia a luta. Ele ou o diretor do Banco Central, mas, de repente, isso não mais parecia ter importância. O presente especial de aniversário estava começando.

Em seu guarda-roupa em Star Street, calcei um par de sandálias de sola vermelha e tive acesso a algumas de suas lembranças.

Como Katie conheceu Conall...

Bem, assim como na história de Matt e Maeve, também conheceram-se no trabalho. A empresa chamava-se Apex Entretenimento, porque queriam que parecesse multimídia e moderna, mas era, basicamente, uma gravadora, braço irlandês de uma multinacional. Katie trabalhava lá havia cinco anos, recebendo rock stars de passagem pela Irlanda, organizando suas entrevistas, cuidando dos bastidores dos shows e — a parte mais importante de seu trabalho — cuidando de seus porres. Era mais difícil do que parecia, porque era ela quem tinha de permanecer sóbria e coerente o bastante para pagar pelas

garrafas de Cristal, colocar os artistas na cama e estar de volta ao trabalho às dez da manhã do dia seguinte, depois de quatro horas de sono.

Se alguém a conhecesse num batizado, provavelmente jamais imaginaria que trabalhava para uma gravadora. É preciso admitir, ela sempre usava salto alto e, às vezes, jeans colados, mas nunca cheirava cocaína, e suas coxas eram mais largas que seus joelhos. Apesar desses impedimentos, Katie era popular entre as estrelas visitantes, que se referiam a ela como “Tia Katie”, o que não a incomodava. Ou “Mamãe”, o que a incomodava bastante. Artistas voltando à Irlanda a tratavam como uma velha amiga e, às vezes, tarde da noite, tentavam levá-la para a cama, mas Katie sabia que o coração deles nunca estava presente, que era só uma reação instintiva, algo programado nos homens quando na presença de uma mulher. Quase sempre os rejeitava.

Portanto, sim, Katie estava trabalhando, nem exatamente feliz nem infeliz, quando começara o boato de que o braço europeu Apex se desligaria da matriz americana. Os novos donos provavelmente demitiriam todos os funcionários antigos. Mas aqueles rumores eram constantes, então, Katie resolveu não perder tempo se preocupando. Não tinha a mesma energia de antes e, ao longo dos anos, gastara muita adrenalina com desastres que nunca tiveram a decência de ocorrer.

No entanto, dessa vez era verdade. Uma nota na imprensa anunciara que a empresa fora comprada pela Sony, que planejava manter a Apex como um selo independente. O alívio gerado com essa notícia foi passageiro, porque a frase seguinte dizia que a empresa seria “racionalizada” pela Morehampton Green.

— Quem é essa gente? — perguntou Tamsin. (Frequência baixa. Não muito inteligente. Usava batom branco. Pernas longas, seios grandes. Popular entre os artistas visitantes.)

— Quem se importa? — disse Katie. Sua frequência baixara consideravelmente, tremia de medo. Não porque amasse o trabalho, mas agora que existia a possibilidade de perdê-lo...

— Monstros — disse Danno, com desprezo. (Danno, 23 anos. Frequência aguda, rápida. Precisava de muito pouco sono. Sempre

vestia preto. Capaz de consumir quantidades astronômicas de cocaína sem efeitos colaterais aparentes. Também popular com os artistas visitantes.)

— Morehampton Green sempre aparece entre as piores empresas para se trabalhar — explicou Danno. — Tiram os benefícios, demitem um monte de gente e não deixam nada para trás, fora seu rastro de surpresa e choque.

— E qual é a vantagem? — perguntou Katie.

— Deixam a empresa muito mais eficiente, economizam muita grana, *o de sempre*. Normalmente, trabalham na Ásia, mas estão fazendo uma exceção no nosso caso.

— Quanta decência.

— O que vai acontecer com a gente, Katie? — perguntou Tamsin.

— Sei lá.

Por causa de um estranho defeito de hierarquia, Katie não tinha chefe. Oficialmente, seu superior era Howard Cookman, presidente do setor de publicidade da Europa, mas ele ficava em Londres e não tinha interesse algum na filial irlandesa, o que normalmente era muito bom para Katie, porque ele costumava carregar no sotaque — meio Los Angeles, meio Inglaterra — toda vez que encontrava: a) Mark Knopfler, b) Simon Le Bon e c) Debbie Gibson.

Katie achava importante proteger sua pequena autonomia, mas, repentinamente, achava isso ruim. Não era nada bom ser a única adulta e desejava alguém de mais poder que lhe promettesse que tudo ia ficar bem.

Alertados por um chiado, todos os presentes (seis da equipe de relações públicas e catorze do marketing) se voltaram para as portas de vidro automáticas, estilo *Star Trek*. Era Graham, do departamento pessoal. Em circunstâncias normais, ele exalava vibrações de confiança, mas hoje sua força vital estava bastante reduzida.

Silenciosamente, entregou um memorando a todos: duas linhas que informavam que o Sr. Conall Hathaway estaria fazendo contato em breve.

— Quem é ele? — perguntou Katie.

— O novo mandachuva — disse Graham. — Ele é a Morehampton Green.

— Como assim, ele é a Morehampton Green? — perguntou Danno, irado com o fato de alguém saber mais que ele.

— A Morehampton Green é basicamente uma empresa de um homem só. Parece que tem um monte de gente trabalhando para ele, mas Conall Hathaway é quem decide tudo.

— Um centralizador doentio — disse Danno, cheio de desprezo.

— Por que ele quer fazer contato comigo? — gemeu Tamsin.

Graham baixou a cabeça e não disse nada.

— Para você saber se ainda tem emprego ou não — deduziu Katie. — Estou certa, Graham?

Graham fez que sim, resignado.

— Conall Hathaway? Certamente, você está se referindo a Conall, o Bárbaro — disse Danno. Danno gostava de apelidos. (Gente de frequência como a dele geralmente gosta.)

Durante dois dias, nada aconteceu. Todo mundo continuou trabalhando normalmente, porque, até que algo realmente acontecesse, sempre existia a possibilidade de não acontecer nada. Na tarde do terceiro dia, Danno detinha informações tão importantes para dividir com os colegas, que as portas de vidro não se abriram com a velocidade de que ele precisava; portanto, acabou dando uma pancada violenta com o rosto no vidro. — Abram, suas porcarias inúteis — gritou ele, batendo com o pé, tentando ativar o que quer que precisasse ser ativado. Àquela altura, ele já tinha a atenção de todos. Finalmente, as portas se abriram, e Danno adentrou o escritório como se tivesse sido cuspidor de uma máquina.

— Ele tem o olhar gelado de um assassino! — declarou. — Acabei de subir com ele no elevador e, juro, quase me borrei.

— Quem?

— Monstro Hathaway. Conall, o Bárbaro. Ele vem demitir todo mundo.

— Tão rápido assim? — Katie ficou alarmada. — É quase indecente.

— Ele tem vários asseclas, jovens espinhentos aprendendo sua tarefa imunda, mas ele é quem vai colocar a mão na lama. É ele quem manda — avisou Danno. — Melhor ficar de olho aberto. A gente está ferrado antes do fim do dia.

Katie o encarou com incerteza. Danno era um alardeador de catástrofes, parecia se dar bem na adversidade. Mais uma vez, ela se questionara se ele não era, talvez, um viciado em adrenalina, sua cocaína.

Chamou Audrey. (Uma vibração tão silenciosa que era quase um pedido de desculpas. Confiável, meticulosa. Não tão popular com os artistas visitantes quanto Tamsin e Danno.) — Vai lá e vê qual é a desse Conall. Descrição, por favor.

Em minutos, Audrey estava de volta, com uma expressão de eficiência. — É verdade. Ele está com Graham. Estão olhando os contratos dos funcionários.

Katie mordeu o nó do dedo. — Como ele é?

Depois de pensar por alguns segundos, Audrey disse: — Cruel.

— Meu Deus!

— Mesquinho e faminto.

— Não parece tão mal assim.

— Mesquinho *e* faminto *e* cruel. — E acrescentou: — Está comendo chocolate.

— O quê?

— Tem uma barra enorme de chocolate na mesa, e ele fica comendo enquanto conversa com o Graham. Uma fileira de cada vez. Não quebra em quadradinhos nem nada.

— Qual é o tamanho da barra? Cem gramas? Duzentos gramas?

— Uma dessas grossas, que a gente compra no freeshop. Quinhentos gramas, eu acho. Sabe do que mais, Katie? Ele até que é gatinho. Acho que fiquei a fim dele. Sempre fico a fim de homens que têm poder sobre mim.

— Você não pode ficar a fim dele — disse Katie. — Você acha que os homens com cara de maus precisam do amor de uma mulher para deixarem de ser maus. Mas eles continuam maus, ok? Pode chorar. — Sentiu-se velha dando esse tipo de conselho.



— Talvez você também fique a fim dele — sugeriu Audrey.

— Não vou ficar a fim dele.

— Você pode falar o que quiser, mas a gente não tem controle sobre essas coisas — alertou Audrey, sombria.

O telefone tocou: o carro tinha chegado.

Katie considerou por um ligeiro instante a possibilidade de ir embora e se livrar de tudo, abandonar os integrantes do Knight Ryders e seu mau humor. Afinal, ela seria demitida, de qualquer maneira...

Mas, e se ela fosse uma das que teriam o emprego mantido?

— Ok — disse Katie. — Danno e Audrey, vão pegar suas coisas. Os carros chegaram.

Foram para o Four Seasons buscar o Knight Ryders para o show daquela noite. O Knight Ryders era uma banda de heavy metal, um quarteto de roqueiros coroas, sobreviventes do vício, dos divórcios, das falências, dos ataques cardíacos, dos acidentes de moto, das crises existenciais, dos problemas com filhos adotivos, e mais, muito mais. A maior parte de seu público, que pagava preços nas alturas para assisti-los, ia aos shows não para ouvir os sucessos dos anos setenta, mas, simplesmente, para se maravilhar com o fato de que os quatro ainda estavam vivos.

Os “rapazes” estavam no oitavo mês de uma turnê internacional de nove meses, e se encontravam na Irlanda havia dois longos dias. A maior preocupação de Katie era Elijah Knight, o cantor, lenda viva e proprietário orgulhoso de um fígado de segunda mão (órgão cujo dono fora um cuidadoso proprietário). Estava sóbrio havia quase um ano, mas rumores chegaram aos ouvidos de Katie de que ele estava cansado disso. Verdade seja dita: cada palavra proferida por ele era uma reclamação: o hotel era muito fajuto, a imprensa irlandesa muito servil, e os encontros do AA da Irlanda muito chatos.

Katie ou um dos membros de sua equipe se esforçavam para estar com ele o tempo todo — Tamsin estava com ele naquele momento — e um guarda-costas (leia-se, guarda) o vigiava de noite, do lado de fora do quarto.

Quando Katie entrou na limusine de vidro fumê, recebeu um telefonema de Tamsin. — É o Elijah.

— O que foi?

— Está na hora de ele começar a ajeitar o cabelo, mas o cara fica sentado de braços cruzados, como se fosse uma criança.

— Eu vou para aí. — Katie cruzou os dedos e rezou em silêncio para que Elijah Knight não escolhesse voltar às drogas naquela noite. Não sob os cuidados dela. Se Elijah, pelo menos, esperasse até o dia seguinte, quando ele e os três amigos enrugados, cabeludos e donos de fígados de pudim fossem para a Alemanha, ficaria muito grata.

O problema, na verdade, foi que tudo correu às mil maravilhas. Com a interferência suave de Katie, Elijah fez o cabelo, de maneira que ficasse onze centímetros acima de sua cabeça. Os Knight Ryders tocaram um set inteiro e nenhum deles teve um derrame, até mesmo recusaram uma viagem grátis ao bordel mais chique de Dublin.

E quando Katie chegou em casa no horário inesperadamente cedo de duas da madrugada, havia espaço em sua mente para que a realidade de sua situação profissional a alarmasse. Estava acabado, ela se dera conta abruptamente. Era melhor encarar os fatos: levar Elijah Knight para a cama do hotel em segurança talvez fosse seu último ato como RP da Apex Entretenimento.

Fazia sentido se livrar dela — dos seis RPs da equipe, era ela quem ganhava mais. E, também, um pensamento ainda mais doloroso, era a mais velha, e o mundo da música era lugar para mulheres jovens. Tenho trinta e nove anos, disse para si mesma, avaliando a situação. Trinta e nove! É um milagre ter sobrevivido até agora.

Precisava dormir. Mas, como poderia? No dia seguinte, seria demitida, não teria mais dinheiro e, no momento de recessão atual, nunca mais conseguiria um emprego, porque não tinha qualificação para nada a não ser levar rock stars para se divertirem.

Estou arruinada, pensou.

Perderia seu apartamento, o carro, as mechas do cabelo e o pessoal trainer, embora só fizesse um treino por semana, mas o tempo

que passava com o grandão, Florence, era *vital* — sem ele talvez fosse incapaz de fazer qualquer exercício.

Ah, e seu adorável apartamento. Não haveria a menor possibilidade de mantê-lo. As parcelas do financiamento eram caras, mesmo para o seu salário atual. Comprara-o quando o mercado estava aquecido, quando conjugados valiam 1 milhão de euros. Pagara por cada metro quadrado de sua casa. E como a adorava... Era pequeno — como havia sido um sótão, a maioria dos quartos foi reduzida —, mas era aconchegante, iluminado, bem-localizado, perto de tudo. Podia fazer tudo a pé. Não que ela o fizesse, não com os próprios pés.

O pior é que nunca pensara em trabalhar com música. Por que teria pensado, *por quê?* Ficara absolutamente lisonjeada quando lhe ofereceram o emprego, tão lisonjeada que fechara os olhos para o fato de que o dinheiro não era tão bom quanto se era de imaginar. Tudo em que pensara era que deviam achá-la muito legal para quererem empregá-la. Ela deveria ter aceitado o emprego na assessoria de imprensa do governo, em vez disso.

Gente velha não era desvalorizada naquela indústria; era, ao contrário, reverenciada por sua sabedoria. Ninguém se importava se você tivesse coxas gordas. Ninguém se importava se você tivesse pelos no rosto (e fosse uma mulher)(não que ela tivesse). Na verdade, *realmente* gostavam de porta-vozes feios na política, porque tinham mais credibilidade.

Arruinada, pensou. Isso, *arruinada*.

As horas da noite iam passando, e sua cabeça zumbia com cálculos e considerações: se alugasse seu apartamento, ganharia o suficiente para cobrir as parcelas do financiamento e as contas do cabeleireiro? Se conseguisse um emprego na Blockbuster, como faria para comer? Lera, certa vez, uma matéria no jornal sobre pessoas que ganhavam um salário mínimo: mesmo que comprassem apenas as promoções do supermercado, ainda assim, ficariam com fome. A coexistência com seu apetite já era complicada o suficiente com um salário saudável, e desde que dava a primeira mordida em alguma coisa, ela se preocupava com a última. Como lidaria com a fome genuína?

Não teria dinheiro sequer para se matar. Nos últimos anos, provavelmente desde Jason, mantinha um plano ridículo para o caso de a vida se tornar realmente insuportável, como as pílulas de cianureto que espões costumavam carregar entre os dentes, caso fossem capturados.

Sua ideia mais brilhante era que comeria até explodir — isso acontecia, pessoas faziam isso, médicos sempre alertavam os obesos de que, se continuassem com seus maus hábitos alimentares, explodiriam. Sempre pensara ser essa uma boa maneira de morrer, entupida de bolo de chocolate.

Mas bolo de chocolate custava dinheiro, e ela precisaria de muito bolo de chocolate para chegar a uma dose fatal. Tomada pelo terror da madrugada, percebera como fora uma idiota todos aqueles anos. Poderia ter começado a estocar alimentos havia muito tempo. Mas ela não era boa de estoque. Se estivesse dentro do seu apartamento, comeria, sem dúvida, o estoque inteiro. Nada duraria mais que um dia.

De repente, seus pensamentos se desviaram numa direção inesperada, e ela começou a culpar Jason. (Entre trinta e um e trinta e sete anos, Jason fora seu namorado. O sexto ano de relacionamento, quando começaram a tentar ter um bebê, sofreram o tremendo choque de descobrir que não se amavam mais. Fingiram por quase um ano, na esperança de reacender a chama, mas estava encerrado. Era o fim. Tudo acabado.)

Se ela e Jason tivessem se casado e tido um bebê, se Jason não tivesse se casado com Donanda, a bela portuguesa, Katie não teria as preocupações de hoje.

Mas, não! Jason tinha que decidir parar de amar Katie, depois tinham que se separar, e ela tinha que comprar um apartamento sozinha. Bem, na verdade, Katie também parara de amá-lo, mas isso também era culpa de Jason. Se ele, *ao menos*, não tivesse se tornado uma pessoa não amável, tudo seria diferente.

A raiva preencheu seu estômago, depois o peito, até que ela comesse a ter dificuldade de respirar, e, apesar de serem seis e cinco da manhã, tarde demais para tomar um remédio para dormir — inferno, não dormira um só segundo! —, precisou sentar, acender a

luz e pegar seus livros anti-amargura para impedir-se de morrer afogada pela própria bile.

Sem ar, leu as primeiras linhas de *Minha felicidade, minha responsabilidade*, mas não adiantou. Deixou o livro de lado e folheou avidamente *As leis espirituais do sucesso*: baboseira, *porcaria!* Começava a pensar que teria que chamar uma ambulância quando abriu o livro seguinte e uma frase se destacou à sua frente: “a palavra chinesa para ‘crise’ também significa ‘oportunidade’”.

Isso foi suficiente.

Sentiu-se como se estivesse caminhando por cima de uma densa floresta e, de repente, se encontrasse no topo de uma montanha, onde a luz era clara, e o ar fresco. Libertou-se de um peso enorme. Sim, sua vida acabara! Sim, *ela já era*. Desempregada — possivelmente não empregável —, sua crise poderia se transformar em oportunidade. Certamente, faria alguma outra coisa da vida, não? Moraria na Tailândia, aprenderia mergulho? Ou, melhor ainda, iria para a Índia e se iluminaria e, quando voltasse — se voltasse, ha-ha —, não se importaria de se tornar uma sem-teto. De usar sapatos horríveis e ser sua própria motivadora para uma corrida.

Ficaria tudo bem.

Dia 60

O número 66 da Star Street permaneceu em silêncio até as cinco e meia da manhã, quando Lydia acordou. Foi até o banheiro e tomou banho, sentindo-se — só existe uma palavra para descrever seu sentimento — desagradável. Não gostava de se molhar. Tinha medo de água. (Não sabia disso, mas, numa vida anterior, havia sido um suricato, criatura do deserto que não gosta de umidade. Alguns traços permanecem em vidas subsequentes.)

Pegou o condicionador às suas costas, e seu cotovelo deixou cair o sabonete de Andrei da bancada. Não! Que dificuldade tentar pegá-lo, o objeto escorregando de sua mão molhada, caindo no chão e quicando três vezes. Droga! Não queria acordar Andrei nem Jan. Eles já eram chatos o suficiente quando dormiam uma noite inteira, duplinha insuportável... ficariam mais mal-humorados e irritados ainda se fossem despertados antes da hora.

Caramba, eles eram difíceis. Nenhum dia das últimas três semanas ela os vira rir. E não se poderia dizer que não se esforçara, tentando animá-los com sua sedução bem-humorada, do tipo que usava com todos os homens. Mas, em vez de aceitarem o desafio e entrarem no jogo, ficavam confusos.

Estava presa com eles: o aluguel se encontrava no nome dos dois rapazes. Na verdade, perguntava-se por que eles simplesmente não a expulsavam, porque era óbvio que a detestavam.

Talvez fosse porque seu quarto era ridiculamente pequeno, praticamente um armário. (Aparentemente, fora uma cozinha antes de algum misterioso proprietário anterior resolver converter o segundo quarto numa cozinha maior, espaçosa o bastante para comportar



uma mesa. Tudo bem, mas isso significava que o espaço que sobrara mal merecia o título de “quarto”.)

Lydia suspeitava — corretamente — que a ex-cozinha tivesse sido recusada por vários potenciais inquilinos anteriores a ela. A cama era pequena e estreita. Não havia espelho de penteadeira (porque não havia penteadeira) onde pudesse colocar seu abajur de flores laranja, e também não havia um armário; portanto, a maior parte das roupas de Lydia ficava guardada em caixas debaixo da cama. Também suspeitava — mais uma vez, corretamente, Lydia quase nunca se enganava — que Andrei e Jan esperavam que ela trouxesse um toque feminino ao apartamento. Estavam, é claro, enganados. Não fora fácil aguentar Andrei e seus escalonamentos — ele era um tipo determinado, e ela precisara de toda concentração e resolução para tanto —, mas era importante estabelecer desde o princípio quem mandaria ali. Assim que tivesse certeza de que os rapazes *não esperavam* que ela fizesse faxina, entraria na linha.

Talvez...

Enquanto isso, o aluguel do quarto era incrivelmente razoável, cem euros por semana mais barato do que seu aluguel anterior, e, convenientemente, perto do Centro da cidade. Quando ela descobriu que os dois eram de Gdansk, começou a prestar atenção às palavras terminadas em “sk”. Gdansk! Gostava tanto de dizer essa palavra que procurara na internet nomes de cidades similares. E havia uma multidão deles! Tomsk e Omsk, Minsk e Murmansk. Usava-os bastante. Não sabia dizer exatamente o motivo, simplesmente gostava do som. Gdansk era uma palavra positiva, porque, de alguma maneira, parecia com “thanks”, obrigada, mas, todas as outras, especialmente Minsk e Irkutsk pareciam palavrões, um pouco mais sibiladas e tortuosas do que as outras.

Minsk! Soava como uma irritação! Incrível. Seria possível assustar terrivelmente uma pessoa usando tais palavras no momento certo. Irkutsk! Alguém poderia parecer muito bravo se fizesse um pequeno esforço de pronúncia. Eram palavrões de qualidade que haviam custado precisamente nada, e, na sua atual situação de miséria financeira, adorava prazeres gratuitos.

De qualquer maneira, apesar dos palavrões grátis, morria de saudade de Sissy e do grande, adorável e fresco apartamento que dividiam. Impossível pensar em tal luxo no momento. Ela e Sissy *tinham uma faxineira*. A moça, na verdade, só ia uma vez por semana, mas era o suficiente. Mesmo quando a cozinha estava imunda o bastante para que camundongos dançassem na pia, Lydia era capaz de, literalmente, ignorar o fato, porque sabia que a situação seria resolvida em um ou dois dias.

E Sissy era igualzinha. Sissy não ligava. *Nunca* esfregaria uma escala de faxina na sua cara. Dias de folga eram para ficar de pijama debaixo da coberta, assistindo à televisão e comendo porcaria; não para arregaçar as mangas, colocar luvas de borracha e esfregar o chão.

Mas os dias de faxineiras e armários e amigas normais tinham ficado no passado de Lydia... De pé, diante do espelho do banheiro, passou uma boa quantidade de produto no cabelo para combater as pontas duplas. Porque, fossem quais fossem as circunstâncias de empobrecimento, jamais desistiria de seu cabelo.

Passaria fome, mas não viveria sem seus produtos. Lydia e seus cachos revoltados viviam numa guerra de vontades. A falta de dinheiro não seria desculpa para que se entregasse, como muitas mulheres faziam. O cabelo de Lydia não era seu mestre. Não, ela mandava *nele*.

Na cozinha, colocou oito colherinhas de café instantâneo numa caneca enorme, chamada Caneca da Lydia, e encheu-a até a metade com água fervendo, completando a outra metade com água fria. Tomou o café como se fosse remédio, engasgando ligeiramente no último gole, abandonou a caneca na mesa, vestiu rapidamente jeans, tênis, suéter de capuz e saiu.

Na rua, a manhã estava ensolarada, porém fria. E Lydia foi em direção a um táxi. Um táxi? Que espécie de cara de pau era ela para desprezar o transporte público?

Bem, que surpresa quando se sentou no banco do motorista! Podia-se pensar que tentava fazer ligação direta no veículo, mas, quando enfiou a chave na ignição, ficou claro que era a dona do carro e que trabalhava como chofer de táxi!



O veículo era uma espécie de Toyota genérico, não era um bom carro. Também não era ruim; simplesmente um desses tipos inexpressivos que taxistas parecem preferir. Mas, diferentemente da atitude de Lydia em relação à higiene da casa, seu carro era limpo e cheiroso. Evidentemente, tinha orgulho do carango.

Ligou o rádio e, com interferência de estática, foi informada de uma corrida: pegaria um homem em Shelbourne e o levaria para o aeroporto. Fez um retorno cantando pneu e se dirigiu à cidade, os sinais abrindo no exato momento em que se aproximava deles. “Gdansk.” Disse, com satisfação, quase jogando beijinhos de prazer ao dizer essa palavra.

O sinal seguinte também estava verde. — Gdansk. — Fazia gestos de agradecimento enquanto falava.

Mas, quando chegou a Shelbourne e o cliente sentou-se no banco de trás do carro, Lydia percebeu seu olhar perscrutador. *Irkutsk!*, pensou.

— Você é mulher? — perguntou ele.

— Era, da última vez que conferi — respondeu Lydia, séria.

Irkutsk! Irkutsk! Irkutsk!

Por que um passageiro que gostava de bater papo? Por quê? Ainda era muito cedo, e ela só tomara oito colheres de café.

— Como é? — perguntou o cliente, ávido. — Ser motorista de táxi mulher?

Lydia pressionou os lábios. Como ele achava que era? Exatamente a mesma coisa que ser motorista de táxi homem, só que idiotas como ele ficavam fazendo perguntas irrespondíveis nas piores horas da manhã.

— Como você lida com problemas? — perguntou ele. Todos perguntavam a mesma coisa. — E se a pessoa não pagar?

— Posso *lhe* fazer uma pergunta? — indagou ela.

— Lógico! — Ele estava encantado com a interação com aquela deusa de cabelo encaracolado, ainda úmido e cheiroso do banho matinal.

— Você já aceitou Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador?

Isso fez com que ele se calasse. O resto da viagem transcorreu em silêncio.

Dia 60...

De volta ao número 66 da Star Street, pessoas em pleno movimento. Andrei estava acordado desde cinco e trinta e cinco, quando Lydia, deliberadamente, deixara alguma coisa cair no chão do banheiro, fazendo barulho. Desde que ela se mudara, ele e Jan andavam em estado de choque. Nunca haviam conhecido uma garota como ela, e a única coisa boa de Lydia era o fato de ser pequena. Pequena o bastante para caber na caminha do quartinho.

Andrei olhava o vazio, lembrando-se dos dias do inquilino anterior, um ucraniano que tocava acordeão eletrônico, chamado Oleksander. A vida com ele era tão harmoniosa — porque ele nunca estava em casa. Passava as noites no apartamento sofisticado da namorada, Viktoriya, e seu quarto na Star Street, 66, funcionava, na maior parte do tempo, como seu guarda-roupa. Até Viktoriya cair na lábia de um irlandês, um servidor público de alta posição no Ministério da Agricultura, e Oleksander ser jogado de volta ao seu domínio anterior. Suportara uma sucessão de noites em claro, as pernas estendidas seis centímetros além do espaldar da estreita cama de solteiro. Quando tentou remediar a situação, colocando uma cadeira na extremidade da cama para que apoiasse os pés, a beirada de madeira do espaldar arranhara tanto a batata de suas pernas que ele ficara com duas manchas roxas na pele, que permanecem até hoje. Oleksander conseguiu remover o dito espaldar, mas a extremidade da cama desmoronou. Sua outra brilhante ideia foi colocar o colchão diretamente no chão, mas a lombar reclamou e, depois de trinta dias de dor alucinante, disse a Andrei que não suportava mais.

Muitas pessoas, a maioria homens poloneses, foram visitar o quarto, mas todos, sem exceção, declararam-se grandes demais para caber naquela cama. Também se divertiram diante da imagem de Oleksander Shevchenko (figura conhecida; suas performances musicais fora de Trinity tinham se tornado praticamente programas turísticos) tentando dormir naquele quatinho de bonecas. Portanto, quando a irlandesa Lydia apareceu, Andrei e Jan ficaram tão impressionados com suas proporções diminutas, certamente proporcionais àquela cama, que falharam completamente, não percebendo que ela era um tipinho difícil.

Agora, estavam pagando o preço.

Tinham discussões intermináveis e se perguntavam: *Por quê?* Por que ela era tão desagradável? Tão preguiçosa? Tão cruel?

Andrei alertou Jan para o fato de que talvez nunca encontrassem uma resposta. Provavelmente seria melhor se aceitassem que sua natureza amarga era um fato da vida, tão inevitável quanto a chuva e tudo o mais neste país úmido e desagradável.

Depois do banho, vestidos, os rapazes foram para a rua e viraram as palmas das mãos para cima, expressando grande e sarcástica surpresa diante do fato de não estar chovendo, antes de andarem dez minutos até o ponto. Dali, seguiram em direções opostas, Andrei para o Leste, a caminho de um prédio industrial, e Jan para o Norte, seguindo para um shopping center.

Jan gostava de dizer que trabalhava com TI (Tecnologia de Informação), o que, de certa forma, era verdade. Era empregado de um grande supermercado e cuidava dos pedidos on-line. Passava os dias em meio aos corredores de produtos, arrastando um carrinho gigantesco, que continha doze cestas, representantes de doze clientes diferentes, cada uma com sua lista independente de compras. Quando localizava todos os itens de todas as doze listas e os colocava dentro das respectivas cestas, depositava as mercadorias na área de entrega, para que o caminhão as distribuisse por Dublin, depois voltava à

impressora para pegar mais doze listas, enchia doze novas cestas e começava todo o procedimento outra vez. Já tinha perdido a conta de quantas vezes por dia repetia esse exercício.

Andrei também trabalhava com TI. De verdade. Dirigia pela cidade uma van branca, consertando computadores quebrados de escritórios. A van em si ocupava grande parte de seus pensamentos. Era um homem pragmático e ficava terrivelmente irritado por ter que devolvê-la à base todas as noites, onde ficava parada no estacionamento por catorze horas, quando podia muito bem ser usada para assuntos pessoais — especificamente, para buscar Rosie. Sua fantasia era estacionar na porta da casa que ela dividia com outras quatro enfermeiras, buzinar e vê-la descendo os degraus da varanda da frente, a admiração diante do tamanho da van espelhada no rosto em forma de coração. Namorava Rosie (também uma garota irlandesa, mas, fora isso, completamente diferente da demoníaca Lydia) havia dois meses e oito dias, e ela, até agora, se recusara a entregar sua virgindade para ele. Andrei, com seus músculos, seus olhos azuis e incrível beleza estava acostumado a conseguir o que queria com as meninas, mas ficava verdadeiramente impressionado com o puritanismo antiquado de Rosie, e seu desejo inicial se transformara em algo bem mais complexo.

Dia 60...

No piso térreo do número 66 da Star Street, Matt e Maeve foram acordados gentilmente pelo alarme zen de seu despertador, um plim-plim suave que lembrava o som de sinos tibetanos. Começava com um plim baixinho, como toques espaçados num xilofone, depois, com o passar dos minutos, crescia e se tornava uma cacofonia deliciosa. Não muito a cara de Matt. Ele parecia mais o tipo de homem que preferiria um despertador que se comportasse como um desfibrilador, bipes discordantes que fizessem todos os nervos do corpo entrarem em estado de alerta, fazendo com que a pessoa saísse imediatamente da cama, batesse no peito e gritasse feito um Tarzan. Atenção, mundo, aí vou eu!

Mas Maeve preferia o plimplim; então, plimplim. Ela também gostava de um farto café da manhã. Matt, suspeito, ficaria feliz com uma barra de chocolate a caminho do trabalho, mas, em vez disso, fazia chá para Maeve, Maeve fazia mingau para ele, eles se sentavam no balcão da cozinha, espelhando as ações um do outro, conferindo se o parceiro tinha mel, suco de laranja e mais tantas coisas de café da manhã.

No parapeito da janela, num porta-retratos enfeitado, havia uma foto do casamento deles. Oi dois estavam muito bem, devo dizer. Sobretudo Maeve. A julgar pela fotografia, o casamento fora tradicional, aquela coisa toda de branco e tal. O vestido de Maeve era disfarçadamente simples: saia sem adornos, cintura alta, várias camadas de cetim saindo de um corpete. O decote que deixava o colo aparente revelava dois ombros bonitos, cor de creme, e um arranjo de pérolas prendia seu cabelo cheio num coque, do qual escapavam alguns

cachos, emoldurando seu rosto. Parecia uma das meninas dos romances de Jane Austen, dos quais era fã. Matt, agarrado a Maeve, olhava para a câmera com a expressão de um homem que acabara de ganhar na loteria, mas tentava não se gabar disso, vestido num terno escuro, bastante sóbrio. O tipo de terno que se usa para assinar tratados de paz. Evidentemente, conseguira encontrar o mais adequado para passar a mensagem de que aquele casamento era muito importante para ele. (Sem querer ser indelicada, havia muito menos deles, três anos antes, quando a foto fora tirada. Os dois eram muito, bem, muito mais *estritos*. Certamente a dieta de gordura trans não era tão *farta* — peço desculpas pela piada — na vida deles naquela época.)

Maeve tomou o restante do suco de laranja, Matt raspou sua tigela vazia com a colher, os dois tomaram um comprimido de vitamina, empurrando-o goela abaixo com um copo d'água e — finalmente — saíram para trabalhar. Matt tinha carro, usava sapatos engraxados, terno bem-cortado, cabelo bem-cortado. Maeve tinha bicicleta, protetor labial sem gosto e calças compridas de algodão pouco atraentes (grandes demais e verde-oliva, cor sem graça) que pareciam ter sido escolhidas exatamente pela feiura.

Beijaram-se, despedindo-se.

— Cuidado — disse Matt.

Com o quê? Eu me perguntava. Qualquer pessoa aventureira o suficiente para atravessar o trânsito de bicicleta na hora do rush deveria esperar advertência dos seres amados e próximos, mas, mesmo assim, eu sei que dar de cara com um motorista descuidado não era o medo de Maeve. Ah, ela tinha medo, com certeza, não me entenda mal, mas eu não sabia de quê; ela estava me bloqueando. Tudo que podia dizer olhando para ela era que não temia ser avacalhada por conta das roupas horrorosas. *Fascinante*.

Matt observou até que Maeve fosse absorvida pelo tráfego, depois pensou no seu carro. Estava estacionado tão longe que cogitou a possibilidade de pegar um ônibus até ele.

Dia 60...

No apartamento de Jemima, o cão, aparentemente, não sofria efeitos colaterais da tonteira da noite anterior. Jemima tentava levá-lo à cozinha, mas ele se fazia de difícil. — Rancor, Rancor, meu amorzinho. — Então, parece que o animal se chamava, mesmo, Rancor! Que... bem, que coisa *atípica*.

Jemima estava de banho tomado e roupa trocada desde 6h15. Não suportava ficar embromando na cama. Abaixou-se, os joelhos estalaram como dois tiros de pistola, até que seu rosto ficou no mesmo nível da cara rabugenta de Rancor.

— Só porque o Fionn vem para cá não significa que ame você menos — disse.

Agora estava claro: Rancor estava mal-humorado porque descobriria que o Homem Bom vinha para uma visita.

— Vamos comer.

Em minutos, Rancor estava fazendo a dança do Café da Manhã. Uma criatura ultrasensível, com dificuldade de perdoar, a menos que houvesse comida envolvida.

Fiquei longe de Jemima. Não queria assustá-la. Não, a menos que fosse necessário. Sua vibração era forte, regular, estridente, buscava espaço no apartamento entulhado, insistindo em pedir atenção.

Ela estava concentrada pensando na palavra *rancor*. Que palavra esplêndida, pensou. Tão funcional: impossível dizê-la sem que o rosto se contorcesse numa expressão ilustrativa de amargura. *Krompir* era outra palavra de que gostava; batata, em sérvio, e produzia o som satisfatório de mastigação. Ou *bizarro*, sua preferida, um som festivo, delicioso, que sempre lhe trazia à mente a cacofonia dos tamborins.

Rancor era tido por muitos como um nome estranho para um cachorro, mas, quando as pessoas eram grosseiras o bastante para

mencionar isso, a resposta de Jemima era que ele mesmo o escolhera. Disseram-lhe, no abrigo de cães, que se chamava Bispo, mas ele era tão santo quanto ela. Jemima acreditava que deveria confiar em que o cão escolheria melhor o próprio nome; portanto, quando chegou em casa — onde ele se acomodou num canto, quieto e sofredor —, listou uma porção de nomes sofisticados. Campeão? Herói? Rebelde? Príncipe? Observou-o cuidadosamente, esperando uma reação positiva depois de cada sugestão. Mas Bispo rosnava, “Rrrraann” e, em seguida, dava um latido ligeiro, que parecia “Corrrr”. Finalmente, entendeu-o: Rancor, e não se falava mais nisso.

Disseram também, no canil, que ele era um cão estranho. Não tolerava muitas coisas. Homens de peruca. Cantores de música country. Ruivas. Sotaque de Yorkshire. A música do George Michael, mas só as antigas (nada de Wham! — ele abominava Wham!).

Era uma criatura tensa, mercuriana, capaz de requerer cuidados especiais, mas Jemima não se assustava. Sua filosofia, como relatara ao homem do canil, era que cães equilibrados sempre teriam um lar, mas eram os estranhos que precisavam realmente de um.

Aqui entre nós, me pergunto se minha impressão inicial de Jemima como velha rabugenta não foi muito precipitada.

Terminado o café da manhã, Rancor lançou à Jemima um olhar derretido, depois, olhou rápida e ansiosamente em volta. Era um cachorro maravilhoso, pensou Jemima, orgulhosa. Mais intuitivo do que a maioria dos humanos. O que não é nada difícil, visto que a maior parte da humanidade circula por aí com a cabeça exclusivamente voltada para o próprio umbigo.

— É, eu também sinto — disse Jemima para Rancor. — Mas não iremos nos acovardar! — Deu um giro de cento e oitenta graus e firmou os pés no chão, como uma guerreira. — Ouviu? — disse, desafiadora, os olhos arregalados (porém voltados para o lado errado do cômodo, por Deus). Em tom agudo, repetiu: — Não iremos nos acovardar!

Calma, Jemima. Isso não tem nada a ver com você.

Dia 60...

Matt gostava de se livrar de sua Boa Ação do Dia logo cedo. Enquanto dirigia para o trabalho, vistoriava as ruas em busca de uma oportunidade de praticar o bem. No ponto de ônibus adiante, uma mulher esperava sozinha. Estava claro que acabara de perder a condução, porque, naquela hora do dia, dezenas de pessoas estão reunidas, observando umas às outras como águias, cuidadosas para não ficarem para trás numa confusão quando o ônibus finalmente aparece.

Abriu a janela do lado do motorista e perguntou: — Para onde a senhora está indo?

Assustada, a mulher tirou os olhos do celular, no qual digitava uma mensagem de texto. Uma moça elegante, de casaco laranja, por volta dos trinta e seis, trinta e sete anos.

— O que você tem a ver com isso?

— Quer uma carona?

— Com *você*? Não vou entrar no carro de um estranho. Você não lê jornal?

Ui, ui!

— Não sou um estranho, sou um cara legal.

— Lógico que você não vai admitir que é um serial killer.

— Sou casado. Amo a minha mulher. E não ando armado.

— Filhos?

— Ainda não.

— Eu tenho quatro.

— Entra. No caminho você me fala deles.

— É, e você me mostra a sua arma.

— Trabalho com software.

— Jack, o Estripador também trabalhava.

— Não senhora!

— Olha só. Talvez você seja um cara legal, de verdade, você parece um cara legal, mas não posso arriscar. Meus filhos não conseguiriam lembrar a roupa que estou vestindo para dizer para a polícia. E minhas fotos recentes são horríveis, péssimas. Não ia querer vê-las coladas nos postes da cidade. Pode ir.

Droga.

Desanimado, Matt se afastou com o carro. A Boa Ação do Dia era como uma corda no pescoço. Perturbava-o vinte e quatro horas como um cílio dentro do olho. Os dias corriam tão rapidamente, parecia que assim que ele alcançava uma B.A.D., um novo dia começava e era hora de outra ação. E ai dele se chegasse em casa de noite sem ter Feito Pelo Menos Uma Boa Ação Do Dia. Era incapaz de mentir para Maeve, e a culpa o tiraria mais uma vez do sério proibindo-o de retornar até que a tarefa tivesse sido realizada.

Praticar uma boa ação era mais difícil do que se poderia imaginar. Eram tantas regras (de Maeve). Simplesmente comprar o jornal da mão de um sem-teto não bastava: era fácil demais. Dar dinheiro a um músico de rua também não — a menos que você engatasse uma conversa com ele, parabenizasse sua performance, pedisse uma música específica, ficasse ali e prestasse atenção, o corpo expressando apreciação (pé acompanhando o ritmo ou balancinhos de cabeça eram aceitáveis; se você se forçasse a dançar, estaria se excedendo, e nenhum excesso seria encarado como crédito no dia seguinte).

A Boa Ação do Dia tinha de ter custo emocional. Tinha de ser algo que ele realmente não queria fazer.

No entanto, ir trabalhar não contava. Por incrível que pareça, Matt normalmente gostava de seu trabalho na Edios (Easy Does It Office Systems). (Saíra da Goliath havia algum tempo.) Mas essa negociação com o banco o estava enlouquecendo. Podia-se dizer que a culpa era sua, ele sabia. O pessoal do banco estava absolutamente feliz com o antigo sistema de software. *Absolutamente* feliz, até Matt começar a persegui-los, tentando persuadi-los a mudar para a Edios.

O que mais poderia fazer? Era seu trabalho conseguir novos contratos. Telefonara para o escritório do Bank of British Columbia e, quando lhe disseram que não estavam interessados, Matt respirara fundo e telefonara de novo e de novo, finalmente sendo recebido por alguém que, cansado da insistência, aceitara uma reunião. Matt fora triunfante. Um encontro cara a cara pode parecer simplesmente o começo de um processo, mas, para Matt, significava contrato assinado. Não é certo dizer que era sempre fácil. O esforço e a dedicação de Matt eram sempre enormes. O tanto de charme e sedução que ele despendera ao longo dos anos vendendo softwares seria capaz de levar a paz ao Oriente Médio. Seja como for, ele estava acostumado a obter resultados.

No entanto, o Bank of British Columbia estava deixando-o em banho-maria. Nos últimos oito meses haviam flertado, sugerido e usufruído de incontáveis encontros sociais às custas da Edios — um jantar de sete horas num dos restaurantes mais caros de Dublin, uma estreia de cinema, corrida de cavalos. Agora, insinuavam algo sobre ingressos para os jogos de Wimbledon — ingressos para os jogos de Wimbledon eram ouro em pó! — e, ainda, não tinham dado nenhuma indicação mais forte de que comprariam o sistema. Matt sabia o nome das esposas, namoradas, filhos e cachorros de todos, mas, fato incomum para ele, não conseguia ter uma intuição com relação à decisão que tomariam.

O banco requisitara uma reunião, mais uma reunião, para esta manhã, e Matt não conseguia identificar o motivo. Ele e sua equipe haviam feito cinco apresentações sensacionais; cada pergunta fora respondida satisfatoriamente; ele atendia, pessoalmente, telefonemas a qualquer hora do dia ou da noite, nos quais prometia o mundo em modificações, suporte e rapidez de implementação. O que mais poderiam querer? Ingressos para o Centre Court*, provavelmente.

*Centre Court — local onde ocorre o torneio de Wimbledon. (N. T.)

* * *

Resmungou durante quatro segundos até que sua atenção fosse desviada para o rádio, e ele se distraísse. (Resmungar não era natural para ele e Matt jamais conseguia sustentar o mau humor por muito tempo.) Pedacos de gelo haviam começado a cair misteriosamente do céu em toda Europa. Um, do tamanho de uma poltrona, se chocara contra o para-brisa de um carro estacionado em Madri. Uma semana mais tarde, outro, tão grande quanto, fizera desabar o teto de uma casa em Amsterdã e, somente um dia depois, um pedaço de gelo alcançara Berlim, derrubando a estátua de algum militar famoso. Peritos foram levados para examinar o fenômeno, mas, até o momento, ninguém sabia dizer definitivamente o que estava causando tais eventos. Ou em que lugar poderia cair um novo pedaço de gelo.

Matt escutava, encantado. Gostava desse tipo de coisa. Era mais ou menos como se o assunto fosse disco voador.

Estava tão envolvido com a história que nem percebeu ter passado por dois sinais verdes seguidos. Depois mais um. Somente quando o quarto sinal se abriu para ele foi que percebeu o que acontecera. Quatro sinais verdes consecutivos! Na hora do rush! Será que isso podia contar como uma bênção da Trindade de Bênçãos do dia? Com certeza, Maeve não compraria essa ideia; não aceitara a vaga em frente ao prédio deles como uma bênção; portanto, dificilmente aprovaria os quatro sinais abertos. Mas, para *ele*, era como se fosse uma bênção.

Por um instante, divertiu-se com o inesperado da própria vida, com as Boas Ações do Dia, Trindades de Bênçãos e coisas do gênero. Tudo graças a Maeve, ao fato de ela ter despejado moedas por todo o chão do trem quatro anos e três meses antes e ele ter percebido: Meu Deus, estou apaixonado. E não pela minha namorada.

Tentara fingir que não estava acontecendo. Não poderia estar apaixonado por Maeve, porque ele e Natalie formavam um casal perfeito. Natalie com seu pescoço elegante, seus lindos olhos castanhos e sua sagacidade. Já saía com Natalie havia quase um ano, mas Maeve



continuava ocupando espaço em sua mente. Era seu primeiro pensamento do dia, o dia todo, e todos os dias era atormentado por sussurros fantasmagóricos e malignos: *Você está vivendo a vida errada.*

Ficara tão assustado que, pela primeira vez na vida, perdera completamente o apetite. Nunca precisara tomar uma decisão tão adulta antes, era óbvio que feriria Natalie, e ele não gostava de causar dor e sofrimento a ninguém.

Repentinamente, se dera conta do romance entre Maeve e David. Sua vigilância constante revelara que eles eram um casal. Maeve amava David? Matt concluía que provavelmente sim, porque ela não era do tipo que brinca com o sentimento dos outros. Mas, mesmo que não o amasse, certamente existiriam outros homens na terra desejando-a, certo? Teria que lutar com cada um, com todos eles. Coisa que estava disposto a fazer. Mas uma moça tão legal como Maeve provavelmente o desprezaria, ele e seu estilo de vida nada rural. Jamais fora vítima de gás lacrimogêneo em algum protesto!

Se ele falhasse na conquista de seu coração? Como sobreviveria?

Então, foi a vez de reafirmar seu otimismo. Tinha tanta chance com Maeve quanto qualquer outro homem, não é? Era um cara decente, nunca prejudicara ninguém e, apesar de jamais ter sido apaixonado por nenhuma causa, isso provavelmente se devia ao fato de ainda não ter encontrado a causa certa. Golfinhos! Gostava de golfinhos! Talvez devesse comprar uma camisa Salve os Golfinhos e vesti-la para trabalhar. A menos que... Será que estava enganado? Talvez os golfinhos não estivessem em perigo... Bem, *alguma coisa* estaria. Podiam ser as tartarugas... Esse é o tipo de problema que se encontra quando se tenta ser alguém que não é. Ele era Matt Geary, um cara decente. Talvez isso fosse o suficiente para Maeve e, é claro, ele podia mudar um pouquinho, encontrar Maeve no meio do caminho. Como, por exemplo... o Brad Pitt, uma hora um menino tolo de rosto bonito, fazendo dietas malucas com Jennifer Aniston, na outra um homem de valor, adotando crianças a torto e a direito, de braços dados com a adorável Angelina.

O mais sutilmente que pôde, Matt começou a juntar informações sobre Maeve. Era filha única, ficou sabendo, rebento adorável, nas-

cido tardiamente de pais que pensavam jamais ser abençoados com uma criança. Era formada em Economia pela universidade de Galway. Depois de deixar a faculdade, fora para a Austrália — com um *namorado* — e morara em Melbourne durante dois anos, até o vencimento de seu visto. Depois passara um ano viajando pela Ásia e pela América do Sul — *sem o namorado; obviamente haviam terminado* — antes de voltar para a Irlanda e começar a trabalhar na Goliath.

Matt reuniu essas pequenas gemas de conhecimento sobre Maeve, sempre faminto por mais informações — depois, caiu em si. O que estava pretendendo?

Tentou convencer-se a ser a pessoa que era antes da fatídica viagem de trem. Estava angustiado, tão assombrado e confuso que se surpreendia que ninguém percebesse.

Em alguns momentos, tinha certeza de que entre ele e Natalie estava tudo acabado, e outras vezes tinha tanta certeza quanto de que eram um casal sólido que acabaria morando junto em algum momento.

Numa tentativa de facilitar sua libertação, Matt tentava encontrar falhas em Natalie, mas a única coisa que conseguiu foi concluir que depilava demais a sobrancelha. Às vezes, até pontinhos de sangue podiam ser vistos no seu supercílio. Terrível. Que tipo de mulher era capaz de fazer aquilo consigo mesma? Que tipo de mulher *mutilaria* o próprio corpo?

Dez dias depois desse primeiro questionamento, lá estava Matt, deitado na cama de Natalie, vendo-a se preparar para sair.

Ela experimentou um jeans e olhou-se no espelho, mas, o que quer que tenha visto, não a fez ficar satisfeita, porque tirou a calça e escolheu outra. Também não gostou; experimentou outra. Logo, lá estavam as calças no chão e, finalmente, Matt perguntou:

— Quantos jeans você tem?

— Sei lá.

Para ela não saber, deviam ser realmente muitos!

— Chuta — pediu ele. — Cinco?



— Mais.

— Dez?

— Mais.

— Mais?

Ela parou para fazer um cálculo mental.

— Mais ou menos uns dezesseis — concluiu. — Mas é *óbvio* que não uso todos.

— É óbvio?

— Porque boca de sino está fora de moda. Nunca mais vou poder usar. Devia doar para caridade.

— Achei que boca de sino tinha voltado.

— É outro tipo de boca de sino.

— Quantos jeans você acha que a Maeve tem? — perguntou Matt.

Era uma pergunta desafiadora. Será que Natalie se perguntaria qual o motivo de ele estar falando sobre Maeve?

Mas Nat também se apaixonara por Maeve, achava a moça a coisa mais fofa do mundo, e Matt, desbravadoramente, perguntou-se se, talvez, os três não poderiam morar juntos.

— Maeve? Sei lá. Dois?

Dois. Isso, o número correto de jeans para um ser humano. A pessoa usa um enquanto o outro está lavando. Qualquer coisa acima de dois era grotesco, consumismo desenfreado. Então, Matt se lembrou de que possuía pelo menos seis jeans. Mas tudo isso poderia mudar, prometeu-se silenciosamente. Tudo isso mudaria quando... Não! Não, ele não podia pensar nisso. Não aconteceria. Nada iria mudar. Ele e Natalie ficariam juntos para sempre.

Natalie estava pronta. De pé na sua frente, elegante, um pescoço lindo, vestida com uma de suas dezesseis calças jeans.

— Você está linda — disse ele.

Mas, com um temor ligeiro, sabia que isso não era suficiente.